

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2020
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho | Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

A prova inclui 5 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final (itens **II – 1.**, **II – 2.**, **II – 3.**, **II – 4.** e **III**). Dos restantes 10 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 8 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia os dois textos e as notas. Na resposta aos itens de 1. a 3., tenha em consideração ambos os textos.

Ora uma noite, voltando de jantar em casa da velha marquesa de Louredo, a «tia Louredo», que morava a Santa Clara, esbarrou no Rossio com José Lúcio Castanheiro, então empregado no Ministério da Fazenda, na repartição dos Próprios Nacionais. Mais defecado¹, mais macilento², com uns óculos mais largos e mais tenebrosos, o Castanheiro ardia todo, como em Coimbra, na chama da sua Ideia — «a ressurreição do sentimento português!» E agora, alargando a proporções condignas da capital o plano da «Pátria», labutava devotadamente na criação duma revista quinzenal, de setenta páginas, com capa azul, os «Anais³ de Literatura e de História». Era uma noite de maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro, que sobraçava um rolo de papel e um gordo fólio encadernado em bezerro, depois de recordar as cavaqueiras geniais da Rua da Misericórdia, de maldizer a falta de intelectualidade de Vila Real de Santo António — voltou sofregamente à sua Ideia, suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os «Anais» esse romance que ele anunciara em Coimbra, sobre o seu avoengo⁴ Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começara essa grande obra.

— Ah! — murmurou o Castanheiro, estacando, com os negros óculos sobre ele, duros e desconsolados. — Então você não persistiu?... Não permaneceu fiel à Ideia?...

Encolheu os ombros, resignadamente, já acostumado, através da sua missão, a estes desfalecimentos do Patriotismo. Nem consentiu que Gonçalo, humilhado perante aquela Fé que se mantivera tão pura e servidora — aludisse, como desculpa, ao inventário laborioso da Casa, depois da morte do papá...

— Bem, bem! Acabou! *Procrastinare lusitanum est*⁵. Trabalha agora no verão... Para Portugueses, menino, o verão é o tempo das belas fortunas e dos rijos feitos. No verão nasce Nuno Álvares no Bonjardim! No verão se vence em Aljubarrota! No verão chega o Gama à Índia!... E no verão vai o nosso Gonçalo escrever uma novelazinha sublime!... De resto os «Anais» só aparecem em dezembro, caracteristicamente no Primeiro de Dezembro. E você em três meses ressuscita um mundo. Sério, Gonçalo Mendes!... É um dever, um santo dever, sobretudo para os novos, colaborar nos «Anais». Portugal, menino, morre por falta de sentimento nacional! Nós estamos imundamente morrendo do mal de não ser Portugueses!

Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*, edição de Helena Cidade Moura, 18.^a ed., Lisboa, Livros do Brasil, 2015, pp. 18-19.

Pela sombra passeavam rapazes, aos pares, devagar, com flores na lapela, a calça apurada, luvas claras fortemente pespontadas de negro. Era toda uma geração nova e miúda que Carlos não conhecia. Por vezes Ega murmurava um «olá», acenava com a bengala. E eles iam, repassavam, com um arzinho tímido e contrafeito, como mal acostumados àquele vasto espaço, a tanta luz, ao seu próprio chique. Carlos pasmava. Que faziam ali, às horas de trabalho, aqueles moços tristes, de calça esguia? Não havia mulheres. Apenas num banco adiante uma criatura adoentada, de lenço e xale, tomava o sol; e duas matronas, com vidrilhos no mantelete⁶, donas de casa de hóspedes, arejavam um cãozinho felpudo. O que atraía pois

ali aquela mocidade pálida? E o que sobretudo o espantava eram as botas desses cavalheiros, botas despropositadamente compridas, rompendo para fora da calça colante com pontas aguçadas e reviradas como proas de barcos varinos...

40 — Isto é fantástico, Ega!

Ega esfregava as mãos. Sim, mas precioso! Porque essa simples forma de botas explicava todo o Portugal contemporâneo. Via-se por ali como a coisa era. Tendo abandonado o seu feitio antigo, à D. João VI, que tão bem lhe ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas, sem originalidade, sem força, sem carácter para criar um feitio seu, um feitio
45 próprio, manda vir modelos do estrangeiro — modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte, de cozinha... Somente, como lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado — exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura.

Eça de Queiroz, *Os Maias*, edição de Helena Cidade Moura, Lisboa, Livros do Brasil, 1998, pp. 702-703.

NOTAS

¹ *defecado* – magro.

² *macilento* – pálido.

³ *Anais* – narração de factos históricos, organizados ano a ano.

⁴ *avoengo* – antepassado.

⁵ *Procrastinare lusitanum est* – expressão latina que significa que adiar uma tarefa é uma atitude típica dos portugueses.

⁶ *mantelete* – capa curta, leve e com rendas.

1. Explique em que medida a atitude de Gonçalo Mendes Ramires se distingue da atitude de José Lúcio Castanheiro, por um lado, e se aproxima, por outro lado, da atitude das personagens do excerto de *Os Maias*.

2. Em ambos os textos, é apresentada uma visão crítica sobre Portugal e os portugueses.

Explícite um dos aspetos criticados em cada excerto.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registe apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Nos excertos transcritos, é possível encontrar várias características do estilo de Eça de Queirós, nomeadamente o uso do discurso indireto livre, presente em **a)**, bem como do diminutivo, que pode exprimir vários valores, entre eles um sentido pejorativo como em **b)**. Além disso, o recurso frequente à adjetivação permite extrair múltiplos sentidos, como na expressão «negros óculos sobre ele, duros e desconsolados» (linhas 15 e 16) em que **c)**.

a)	b)	c)
1. «suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os “Anais” esse romance que ele anunciara em Coimbra» (linhas 12 e 13)	1. «novelazinha» (linha 24)	1. o primeiro adjetivo caracteriza o objeto e os outros dois se referem à reação da personagem
2. «Nós estamos imundamente morrendo do mal de não ser Portugueses!» (linha 28)	2. «arzinho» (linha 32)	2. os três adjetivos caracterizam os olhos da personagem
3. «Sim, mas preciosos!» (linha 41)	3. «cãozinho» (linha 36)	3. todos os adjetivos contribuem para caracterizar o estado de espírito da personagem

PARTE B

Leia o poema.

Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.
5 Tudo quanto me ameace de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses minha vida sempre
Sem renovar
Meus dias, mas que um passe e outro passe
10 Ficando eu sempre quási o mesmo, indo
Para a velhice como um dia entra
No anoitecer.

Ricardo Reis, *Poesia*, edição de Manuela Parreira da Silva,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 181.

4. Apesar da referência a «Meu coração» (v. 4), que remete para o campo das emoções, Ricardo Reis assume uma atitude racional.

Tendo em conta os seis primeiros versos do poema, explicita em que consiste essa atitude racional, bem como o motivo que leva o sujeito poético a assumi-la.

5. Transcreva a comparação presente no final do poema e interprete o seu sentido.

6. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Neste poema, evidenciam-se diversas características da linguagem e do estilo de Ricardo Reis. Duas dessas características são:

- a existência de um interlocutor, identificado através de um recurso expressivo, a **a)**, que está presente no verso 1;
- a musicalidade, para a qual contribuem tanto a aliteração, por exemplo no **b)**, como a própria estrutura métrica da ode, na qual se verifica **c)**.

a)	b)	c)
1. anástrofe	1. verso 2	1. a existência de decassílabos graves conjugados com tetrassílabos agudos
2. apóstrofe	2. verso 3	2. a existência de versos todos eles com um número de sílabas diferente
3. comparação	3. verso 6	3. a existência de elisões na escansão de todos os versos do poema

PARTE C

7. Escreva uma breve exposição sobre a importância que a crítica assume no *Sermão de Santo António (aos Peixes)*, de Padre António Vieira.

A sua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual identifique dois aspetos criticados pelo pregador e explique o modo como essa crítica é alegoricamente construída em cada um dos casos;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto.

Em 1980, num episódio da série *Cosmos*, Carl Sagan referiu que existem mais estrelas no universo do que grãos de areia em todas as praias do mundo. Essa afirmação tem sido muito debatida, e ainda não existe um veredicto final sobre a sua veracidade, em grande parte porque qualquer dos dois números é muito difícil de estimar. Diversas estimativas indicam que
5 cada um destes números poderá ser da ordem de dez mil triliões.

Curiosamente, dez mil triliões é também uma estimativa razoável para o número de *bits* de informação que são adicionados, em cada ano, às bases de dados do mundo inteiro, gerados pelos milhares de milhões de utilizadores da *Internet*, quando acedem à *Web*, quando fazem uma compra, quando tiram uma fotografia, quando se deslocam de um local para outro ou
10 quando fazem uma chamada telefónica.

Lamentavelmente, estamos a afogar-nos em informação, mas à míngua de conhecimento, para usar as palavras de John Naisbitt. Com tantos dados, seria de esperar que as decisões políticas e económicas, tomadas pelas empresas, sociedades e estados, fossem progressivamente mais e mais bem informadas. Porém, isso parece não estar a acontecer.
15 Num mundo que atribui cada vez mais importância aos dados, a sua utilização como evidência para a tomada de decisão parece ser, paradoxalmente, cada vez mais rara. Embora algumas decisões tomadas ao nível do urbanismo, dos transportes, das políticas fiscais ou dos estímulos económicos sejam efetivamente tomadas com base em dados objetivos ou em cenários macroeconómicos verosímeis, a verdade é que muitas outras decisões, políticas e económicas, são tomadas de uma maneira pouco informada, muitas vezes com base em
20 emoções, ideologias, opiniões ou crenças.

Segundo Hans Rosling, não é só a ignorância que nos leva a tomar opções desinformadas e, muitas vezes, erradas. Pelo contrário, muitas vezes somos enganados pelos nossos instintos. Ao longo de milhões de anos, a evolução criou em nós comportamentos e respostas específicas,
25 que eram úteis no ambiente primitivo em que viviam os nossos antepassados, mas que, agora, nos levam a decisões precipitadas, irracionais e, em muitos casos, profundamente erradas.

Em parte, isto é causado porque a informação que nos chega foi concebida não para nos informar, mas sim para nos chocar, assustar ou impressionar. Numa sociedade em que cada consumidor escolhe os jornais que lê, os canais que vê e as rádios que ouve, existe uma enorme
30 pressão para noticiar os factos da forma mais dramática possível. Isso cria imediatamente um grande enviesamento a favor das notícias bombásticas, dos desastres, das catástrofes e das guerras. As boas notícias raramente são noticiadas, porque não chamam tanto a atenção. Uma pessoa que morre por não ter chegado ao hospital a tempo recebe mais atenção do que os milhares de pessoas que são rotineiramente salvas em cada dia.

É por isso que o comportamento racional, de indivíduos e sociedades, exige a cada um de
35 nós uma disciplina mental, disciplina essa que, lamentavelmente, muitas vezes não temos.

Arlindo Oliveira, «*Bits*, estrelas e grãos de areia», in *Público*, 5 de agosto de 2019, p. 6. (Texto adaptado)

1. Nos dois primeiros parágrafos, os exemplos apresentados visam

- (A) demonstrar a irrelevância de vários cálculos científicos.
- (B) evidenciar o elevado volume de informação virtual.
- (C) contestar a veracidade da afirmação de Carl Sagan.
- (D) realçar o excessivo número de estimativas inverosímeis.

2. Segundo o autor, o nível de desenvolvimento superior que o ser humano atingiu
- (A) dificulta a tomada de decisões exclusivamente racionais e com uma base científica.
 - (B) conduz sistematicamente à tomada de decisões baseadas apenas em dados objetivos.
 - (C) contrasta com o facto de as suas decisões continuarem a ser tomadas de forma instintiva.
 - (D) garante que a informação crescente constitua uma mais-valia no processo de tomada de decisões.
3. Relativamente ao terceiro parágrafo, o quarto parágrafo
- (A) retoma a ideia anterior e ilustra-a com exemplos.
 - (B) retoma a ideia anterior e introduz uma ideia nova.
 - (C) contradiz a ideia anterior, citando um especialista no assunto.
 - (D) contradiz a ideia anterior, fundamentando com exemplos.
4. De acordo com o quinto parágrafo, a diversidade e a quantidade de informação de que o ser humano dispõe, através de diferentes canais, têm promovido
- (A) o sensacionalismo de algumas notícias.
 - (B) a valorização de acontecimentos relevantes.
 - (C) o acesso rápido a informação fidedigna.
 - (D) a liberdade de pensamento individual.

5. Em «nos chega» (linha 27), o pronome encontra-se anteposto ao verbo, porque está

- (A) integrado numa oração subordinada.
- (B) integrado numa oração subordinante.
- (C) dependente de uma oração coordenada.
- (D) dependente da expressão «Em parte».

6. Identifique a função sintática desempenhada por:

- a) «que cada um destes números poderá ser da ordem de dez mil triliões» (linhas 4 e 5);
- b) «pelos nossos instintos» (linha 23).

7. Complete as afirmações abaixo apresentadas, seleccionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registe apenas as letras – a), b) e c) – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção seleccionada em cada um dos casos.

Do étimo latino ARENA derivaram as palavras portuguesas *arena* e *areia*. Do mesmo étimo derivaram também as palavras ____ a) _____. Na evolução de ARENA para *areia*, ocorreu, entre outros processos fonológicos, a ____ b) _____. Por seu lado, na evolução de STELLA para *estrela* ocorreu, entre outros processos fonológicos, a ____ c) _____.

a)	b)	c)
1. areinho e ária	1. apócope	1. sonorização
2. ariana e arenito	2. síncope	2. metátese
3. arenoso e arear	3. crase	3. prótese

GRUPO III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faça a apreciação crítica do *cartoon* abaixo apresentado, da autoria de Agim Sulaj.



Fonte: www.cartoonmouvement.com
(consultado em 07/10/2019).

O seu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando devidamente a sua apreciação e utilizando um discurso valorativo;
- uma conclusão adequada aos pontos de vista desenvolvidos.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2020/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 5 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo							Subtotal
	II				III			
	1.	2.	3.	4.				
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	44			96
Destes 10 itens, contribuem para a classificação final da prova os 8 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	Grupo I							Subtotal
	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	Grupo II							
	5.	6.	7.					
Cotação (em pontos)	8 x 13 pontos							104
TOTAL								200